

AS TRÊS ECONOMIAS

(Especial para o "Correio do Povo")

GUSTAVO CORÇÃO

Um dos Lamas tibetanos que os técnicos de Mao-Tse-Tung tentavam educar dirigiu aos seus eficientes pedagogos esta perentória aflição: "Mas não é melhor trabalhar pela perfeição da alma do que asfaltar uma estrada?". Os tibetanos vivem num fantástico planalto, ou melhor viviam um esquecido regime feudal, defasados de todo o resto do mundo, em torno do seu deus-vivo, sumo sacerdote de Buda e sumo pontífice com autoridade sobre tres ou quatro milhões de crentes. Trata-se, pois, de um povo atrasado, atrasadíssimo; podemos até convir que são um povo supersticioso; mas a verdade é que o Lama tinha razão no que dizia aos agentes de Mao-Tse-Tung. E a verdade. Agora e sempre, haja o que houver neste mundo, inventem o que inventarem, o Lama terá razão em tempo e contra tempo: mais vale elevar a alma do que asfaltar uma estrada. E bem provável que por estas horas, lá nos confins do Himalaia os comunistas tenham conseguido inculcar aos remanescente dos súditos do Dalai Lama o culto do asfalto e o correlato desprezo da alma, mas o fato curioso e comovente é que chegou até nós, lá do outro lado do mundo, esse grito de aflição e de espanto. Agora calou-se o grito oriental e o progresso imposto por Peking, a despeito da fórmula da auto-determinação dos povos, conseguirá tornar banal o recanto mais misterioso do planeta.

Mais vale aperfeiçoar a alma do que asfaltar a estrada, disse o Lama. Nós entretanto diremos, com melhor teologia e mais flexível moral, que os bens materiais não podem ser desprezados em nome dos bens mais altos, e não devem ser subestimados. O Lama tinha razão, mas não a tinha pura e simplesmente. Estava certo, mas não esta-

va inteiramente certo. O mundo medieval rompeu-se, entre outras coisas, por causa de sua falta de respeito pelas causas materiais do equilíbrio social. Nós aprendemos a respeitar as causas materiais, com os próprios adversários aprendemos a estimar o asfalto das estradas e todos os demais recursos técnicos que enriquecem o homem. Mas aqui interveem um dado de capital importância: não é por ela mesma que a causa material importa: não é por ele mesmo que o asfalto e estimável; não é no próprio trigo que reside seu excelso valor; e na ordenação desses bens materiais que está o segredo de seu grande valor. Nossa teologia nos ensina que vivemos no regime de um Deus que se fez Carne, e nos ensina também que é aqui nesta terra e nesta vida que construímos os alicerces de nossa vida futura. Por isso a nossa carne e tudo o que a mantém ganha um inesperejado valor. E por isso somos nós, hoje, os que menos perdoamos o erro que consiste em desdenhar o asfalto ou o pão. O mecanismo da assimilação do alimento é um símbolo da elevação ontológica de todos os bens materiais ao nível de dignidade humana. Pense o leitor na misteriosa transformação que faz do pão a sua carne, a carne de sua filha, a carne dos velhos e das crianças. Feita a digestão, o alimento subiu de nível, incorporou-se ao conjunto regido pela alma humana, e tornou-se nova e mais alta substância. Não me consta que algum poeta tenha aproveitado essa idéia para acompanhar com ternura a transformação de um legume ou de um bife nos braços e nas faces de sua amada; mas ao economista podem os oferecer o mote para uma extensa glosa a ser feita com seus gráficos e suas estatísticas. Os bens materiais tem a importância de sua destinação. O pão

é, portanto, importantíssimo, porque vai se transformar em carne humana, regida por uma alma feita a imagem e semelhança de Deus. O asfalto é importante, porque se destina ao pé humano, e ao pé muitas vezes está confiado o destino da alma. É um erro, um tanto oriental, um tanto budista, imaginar que a perfeição da alma se faça sempre, necessariamente em sentido oposto ao interesse da carne. A doutrina católica reconhecendo a ascese e a purificação da vida carnal, mas ensina também que o valor espiritual da pobreza exige a liberdade de opção. A miséria do corpo não é bom caminho para a perfeição da alma. Se é verdade que a carne, acidentalmente pode ser um entrave à perfeição da alma, não é menos verdade que a miséria compulsória seja má conselheira. Individualmente, pessoalmente, a pobreza pode ser objeto de um voto e ser excelente caminho de perfeição; socialmente, a pobreza é um mal e um castigo imposto às pessoas. Daí a necessidade de progredir, de multiplicar a plantação do trigo e de asfaltar as estradas, no Brasil e no Tibet. Não há nada de demoníaco, de ateu, de materialista, no desejo de uma boa estrada. O materialismo e o demônismo aparecem quando esses bens materiais são vistos em si mesmos como superiores aos valores humanos. Inverte-se então o ciclo de transformação simbolizado pela assimilação do alimento, e o homem passa a ser comido pela economia, e passa a transformar-se naquilo que come, e não a transformar em alma aquilo de que se alimenta. Aí é que reside a inspiração demoníaca, e contra ela é que se erguia, aflito, o clamor do pobre Lama tibetano.

O mundo moderno vive uma intensa e compreensível preocupação econômica. Causas diversas convergem para uma tomada de consciência mais aguda em torno do problema da fome universal, obrigam, forçam todos os técnicos, todos os economistas do mundo a procurar em cada região um maior rendimento da terra, das máquinas e dos braços humanos. O perigo reside na estranha capacidade que o homem tem de esquecer-se de sua própria humanidade. É a estranhíssima capacidade que tem de querer reduzir sua própria humanidade às dimensões do mundo e dos bens materiais. A grande tentação do economista é a de querer que o homem se transforme em pão, em vez de transformar-se o pão em homem. Ainda hoje, lendo um tratado sobre populações, encontro essa judiciosa observação do autor: "les theories économiques seraient relativement faciles à établir, sans la presence de cet insupportable gêneur qu'est l'Homme. Car ce diable de participant à la vie économique ne fait rien pour faciliter l'élaboration de la science".

O economismo consiste justamente em esquecer-se do insupportável atrapalhador de todos os cálculos; consiste em colocar os meios no lugar dos fins e os fins no lugar dos meios; consiste em supor que seja possível a transubstanciação inversa pela qual o homem se transforma em pão. E isto é diabólico porque corresponde exatamente à soberba soprada nos ouvidos humanos pela serpente bíblica: Seréis como deuses. Sicut dei. Sim, porque esse tipo de transformação, de transubstanciação é privilégio de Deus, que inventou um pão, que criou uma economia na qual convém que o homem, ao contrário do que acontece na assimilação natural, se transforme naquilo que come. Há portanto uma economia de Deus, à qual convém que o homem se submeta filialmente; uma economia do homem, que a ele deve estar submetida para ter, por participação, uma importância enorme; e finalmente uma economia do Diabo, que pretende colocar os bens materiais acima do homem. Contra essa economia é que o Lama do Tibet clamava perguntando: Valerá mais a pena asfaltar uma estrada do que aperfeiçoar a alma?